



Manoel Silvestre Friques

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

O inventário de Rosalind Krauss – pós-modernismo, pós-meio e informe

A presente comunicação propõe uma interseção entre crítica e história da arte, elegendo, para objeto de análise, o conjunto de textos produzidos por Rosalind Krauss, a fim de se observar nele uma possível narrativa histórica para a arte contemporânea. A hipótese levantada aqui, e que funciona como ponto de partida para a argumentação, é que a crítica de arte norte-americana, cuja trajetória ocupa um lugar de destaque no panorama intelectual de seu país, pode ser considerada uma historiadora da arte.

Claro está que não se pretende encarar tal história como uma narrativa teleológica que opere como uma linha mestra para toda a criação artística produzida a partir do século XX. Crê-se no fim da arte, tal como descrito por Arthur Danto, para quem encerra-se uma forma de narrativa – e não o seu tema – legitimadora, pautada por uma lógica inexorável de desenvolvimento e por uma definição de unidade estilística. Ensaia-se então uma aproximação ao pensamento de Krauss, por meio do qual há um distanciamento em relação à noção de história da arte enquanto uma grande narrativa progressista. Tal recuo é percebido através da formulação de três conceitos: o pós-modernismo, a condição pós-meio e o informe.

O primeiro termo impõe uma ruptura histórica em relação ao modernismo de Clement Greenberg. Tal desvio reside no fato de, no âmbito do pós-modernismo, a práxis artística não ser mais definida em relação a um determinado meio de expressão. Mais recentemente, o “pós-modernismo” cede lugar à expressão “condição pós-meio”: a premissa subjacente à instauração do primeiro é a mesma que fundamenta o surgimento do segundo, qual seja, a ausência de especificidade do meio decorrente da desmistificação dos pressupostos que fundamentavam a lógica historicista. Entretanto, ao invés de positivar a segunda expressão, assim como faz com a primeira, Rosalind Krauss assume uma postura antagônica a ela.

Paralelamente, Krauss, ao lado de Yve-Alain Bois, define o informe como um anti-conceito que possui apenas uma validade operatória sem se prestar a qualquer tentativa classificatória e/ou de sublimação. Os autores dispensam referências de cronologia, estilo ou tema, apresentando formas de articulação e leitura de obras de arte que passam ao largo dos preceitos normativos da lógica modernista. Em que medida este anti-sistema não engendra um novo modelo taxonômico? A que se deve a mudança de postura de Krauss em relação ao pós-modernismo? Tais são as questões que se pretende investigar.